



Corpo Ferrugem:

Oxidação de vidas metálicas

brasília
2019



Trabalho como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Artes Plástica do curso de Artes Visuais do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Brasília
2019

*S*umário



<i>I</i> ntro	0 0 7
<i>D</i> esejo <i>B</i> ijoux	0 2 7
<i>J</i> oia	0 3 3
<i>F</i> issura na <i>T</i> radição	0 4 3
<i>B</i> ijuteria <i>T</i> ravesti	0 5 7
<i>R</i> eferências	0 7 9



Nebulosa é

Começar com essa declaração não me interessa. Pelo menos não nessa etapa da leitura. O que penso ser necessário, neste momento histórico no Brasil e no mundo, é a discussão sobre o valor de vivências não catalogadas ou definidas. Poesias sobre fragilidade, brasilidade, sabedoria infinita não escrita. Na possibilidade do coexistir, me faço corpo—Me faço presença. Onde a invisibilidade nem sempre é uma escolha, faço nessas narrativas aqui registradas minha proteção, meu combate

Demorei na escola a
beijar e a entender
os joguinhos dos me-
ninos e das meninas.
Compreendi o poten-
cial que as crianças
têm de reproduzirem
as dinâmicas dos
adultos e como isso
pode ser tóxico já
desde cedo. Ainda
convivo com o fato
de que algumas expe-
riências foram tar-
dias - e tudo bem.
Porém, para uma
criança viada, já se
apresentava ali, o
peso de ter que
lidar com as ques-
tões de afeto.

Analisar as relações
do meu corpo -
cabeça, cabelo,
olho, nariz-boca,
pescoço-tórax-tron-
co, coluna, cintura-

- ombro-peito, braços-dedos, nádegas-cu-pênis, pernas-coxas, dedos-dedão, pés-altura - me fez perceber o quanto fui exposta a violências diárias que inibiram e enrijeceram diálogos de afeto. Mas foi exatamente nessas percepções que ao longo dos anos fui aprendendo a desnaturalizar meus desconfortos para conseguir compreender meus prazeres e procurar me sentir bem comigo mesma. Observar meu ritual de corrosão e regeneração me fez incorporar novos entendimentos dessas frações.

Quando criança, costumava desenhar imagens híbridas que permitissem aproximar fantasia a figuras femininas. Lembro-me de bruxas, heroínas, com cara-metade homimuiê,

pernas imensas,
tortas, esguias, ca-
beçudas, cabeludas
em narrativas múlti-
plas. Esses desenhos
eram uma maneira de
exercitar meu com-
plexo território
existencial, não só
para me sentir aco-
lhida mas também
protegida. Uma con-
trapartida de mim
mesma para o mundo.

Entender toda essa
carga de potência do
meu corpo e mente
foi um processo do-
loroso e ao mesmo
tempo prazeroso.
Histeria da desco-
berta. É como comer
pequi: Só pra quem
já sentiu o espinho
na língua sabe que
tudo tem um tempo e
um limite.

Contudo, minha in-
fância foi ótima,
rodeada de muitos
primos, quintal de
cimento grosso, pés

imundos lavados em
água de mangueira,
rua à vontade, roça,
carrapato, fins de
semana na casa das
tias, viagens de
carro rumo a praia,
primeiras paixões.
Andava de bicicleta
o dia todo. Tinha o
prazer de comer me-
lancia na calçada
com a mão suja e
boca pingando de
alegria. O simples
fato de se machucar
sem sentir, só no
banho descobria
quando a ferida
ardia. O interes-
sante é que já entendia
as minhas possibili-
dades de existência,
o agridoce.

Isso é ser latino-a-
merica. É não ador-
mecer aos limites do
território, não se
conformar com uma
única forma de mani-
festaçãõ de gênero e
sexualidade. Expres-
são de vida faísca.
Afetividade pictóri-

ca que se revela no
cotidiano, comum ao
ambiente marginal
latino.

O cenário atijolado
é balde que enche
com sabão para
depois virar roupa
limpa seca no varal.
Ações retóricas
(in)decentes e vul-
gares da figura hí-
brida que por muitas
vezes permanece
bêbada, anestésica e
hipócrita dos seus
próprios substratos.



Somos latinos
Temos a pele escamosa
e encardida
Lavada pela água tro-
pical encanada mal
servida

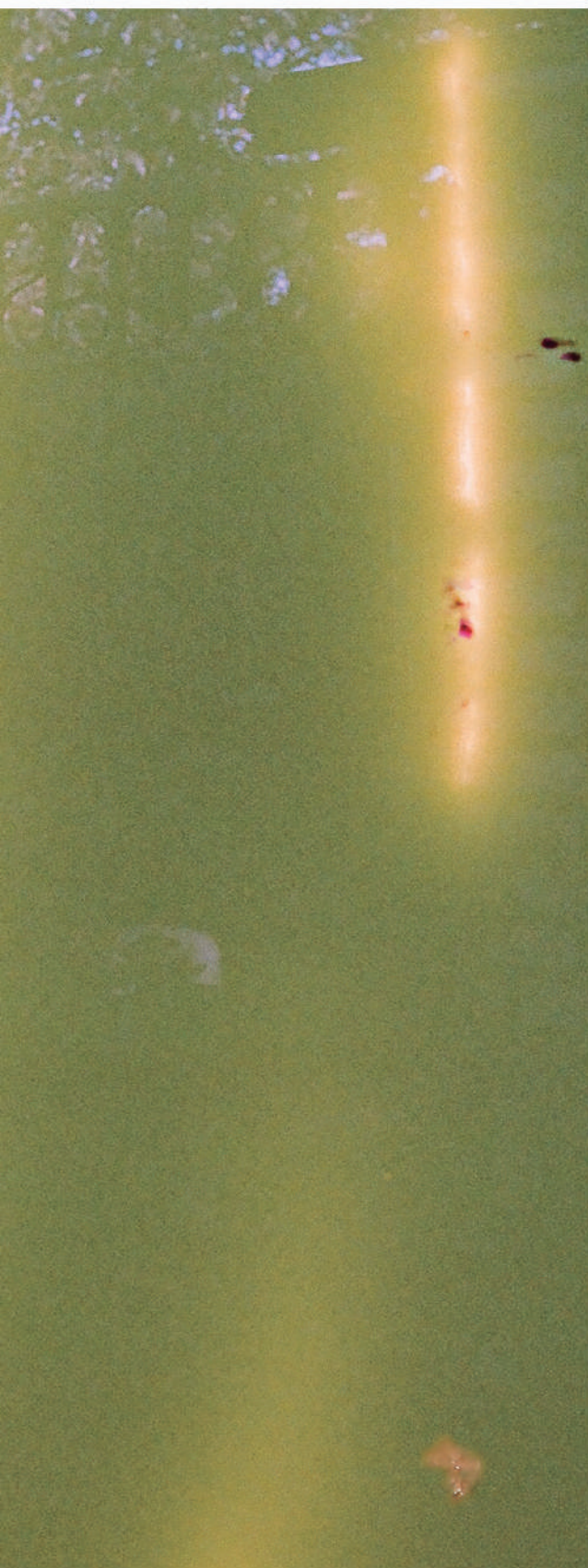
(Escamas, João
Stoppa, 2016)



-Para mim, por muitas vezes é doloroso entender o que faço enquanto arte

Antes, perdida pelo insensível rodo que rapa ou pela fenda que existe entre natureza íntima e possibilidade de existência, decidi, então, me aproximar mais uma vez desse ser que assume seu corpo, seu agir e seu falar. Da sua vivência circulante suspensa em estado de graça, desprestigiada, a princípio, para depois cair em peso na magia das texturas e dobras dos espasmos do sentir.





Trabalho com a linguagem da fotografia há cerca de dois anos. Os registros, começaram basicamente sem qualquer pretensão técnica, busquei entender o funcionamento da máquina analógica de maneira orgânica e seguí tirando fotos dos ambientes e dos objetos que me rodeavam como atividade que poderiam me render outros trabalhos.

A partir dessa imersão, tento penetrar as membranas que estão ao meu redor, ressignificando as dinâmicas de intimidade que se aprofundam nos cenários domésticos feito água parada. Tais regis-

tros me fizeram perceber o quanto as imagens revelavam apatia cínica. Percebi também o quanto esses cenários falavam de mim e que num processo de despertar, me regresso a esses lugares em busca de rastros. E nessa jornada acumulei cacareco, pele descascada, cabelo embaraçado, coração partido. Ralo do mundo. Ralo de mim mesma. Joelho

Ao ver as fotografias reveladas, me deparei com a estranha beleza nas gotteiras do banheiro, nos frascos dos produtos de limpeza e no sol que bate na porta de vidro e ilumina as louças sujas na pia da cozinha.

Nesses processos de registrar momentos escamosos, me molhei, me molhei de

realidade, da minha
e do outro. É assu-
mir o fundo sem
sentir vergonha do
embrutecido.

A roupa de molho
É roupa molhada do
molho
que molhamos a
roupa.







E quando se fala de reconhecimento e pertencimento nos processos identitários aqui nessa parte Sul do hemisfério ocidental, discussões no tocante ao gênero e orientação sexual se tornam ainda mais latentes e perigosas, principalmente porque vieram marcadas por percursos esburacados, violentos, propagados por uma nova forma

“Atravessando o olhar virgem e magicamente seduzido de nossos ancestrais latino-americanos, chegou em um fabuloso barco místico a famosa idealização ocidentalizada da sexualidade, lamentavelmente manipulada pela instituição da igreja, derramando-se nestas terras os novos e péssimos pensamentos que se instalaram sob um saque e um sangue ultraje que permanece intacto até os nossos dias, com o objetivo de normalizar, sob arrepiantes e ignorantes parâmetros, as bestas selvagens que viviam neste desconhecido paraíso.” (PERRA, 2014,

O Processo de apagamento histórico e sociocultural dão lugares a histórias mal contadas do bem costume e valores religiosos da adequação social lavada, alienada e sacralizada.

“Hoje ainda estamos expostos a parâmetros herdados por estes violentos conquistadores através de uma valoração social, moralista e religiosa, que mudou para o bem e para o mal, ordenando essas estúpidas formas de pensamento em nossa vulnerável e adormecida sócio cultura latino-americana” (PERRA, 2014, p.2)

O mistério do normal ou pensão alimentícia como diz Bianca Kalutor. Coberta e ajustada como uma luva, no entanto, para o azar do patriarcado, por um véu frágil, fino e dissimulado.

Minha família é bem matriarcal. São muitas mulheres e todas referenciando a minha vó. Por vezes, vi minha mãe e minhas tias, bem como meu avô se adornando com grandes bijuterias: colares, anéis, peças em ouro e prata. Se enfeitar, com exagero, iam para além dos festejo de família, fazia parte do cotidiano. Meu avô, até hoje não dorme. Lembro-me, quando criança, de usar brincos e anéis. Queria ser igual minhas tias. A prática de usar bijuterias foi uma espécie de exercício de construção de feminilidade; a oportunidade de construir uma imagem capaz de me representar enquanto gênero, de buscar autonomia na construção de personalidade, unicidade. Proteção de si mesma



Desejo

Bijoux

Enquanto cotidiano é construção de desejo, mas para além do desejo, é construção: Produto histórico de tecnologia que caracteriza o surgir da individualidade. Revestido de strass, penetra na camada do capricho, poema de construção ou simplesmente experiência tecnológica de identidade. Sabemos o valor do adorno mesmo que isso não seja falado a todo momento nem que tenha a obrigatoriedade do uso, preenchemos nosso inconsciente com estima do adereço.



corpos como o meu, flutuam entre o extremo do desejo ao ódio mortal. O Brasil é um dos países que mais matam pessoas trans e travestis e ironicamente é o país que mais consome pornografia com o mesmo conteúdo trans-travestis. Buscas por sites pornôis são ferramentas que motivam a criação do desejo, superficializa as relações e objetificam corpos travestis, o que não deixa de ser uma dinâmica inversamente proporcional que corrobora com a violência.

É sobre desejo que meu trabalho é feito, afinal foi o que me impulsionou a falar sobre tais questões. É o olhar que me acompanha da entrada a saída, ao subir no ônibus ou

o simples andar na
rua condiciona minha
singularidade a uma
experiência reduti-
va. Jornada solitá-
ria, porém nunca de-
sacompanhada, pelo
contrário, do incan-
sável olhar que
invade ao silêncio
que paira, ali já
instaurou o eco do

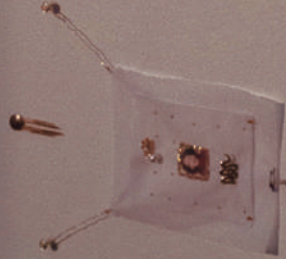
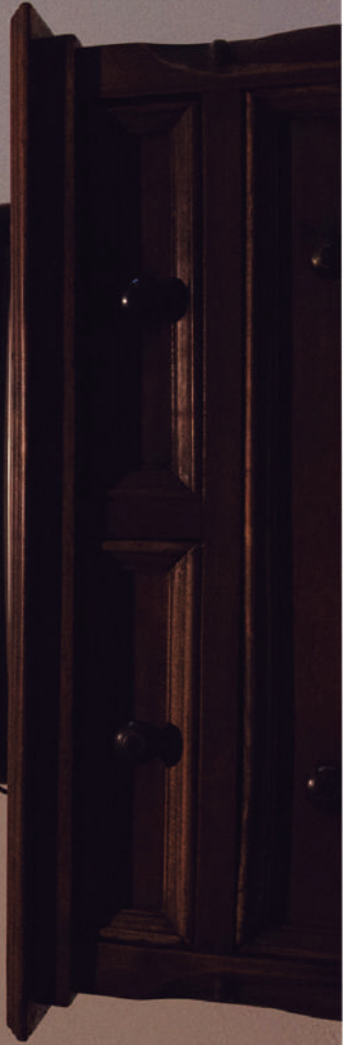
Mas nem sempre
quando se fala em
desejo necessaria-
mente está ligado ao
afeto e é esse o
gancho que me faz
usar dessa mesma es-
trutura de cobiça
cínica e dissimulada
para que eu possa
driblar as circuns-
tâncias estruturais
opressoras e violen-
tas que condicionam
nossos corpos. En-
tender que posso
jogar com esses
signos para gerar
caos antes que ele
seja jogado pra mim
primeiro.



Jóia

Módulo-Travesti surgiu no ímpeto de perceber o quanto a joia carrega em si o valor e o poder de estar atrelado a personalidade, mas quando me refiro a bijuteria, direciono em recorte, à imagem construída, reconstruída e projetada de feminilidade em sua potência a corpos TRANSVESTIGENERES e todo seu espectro; é a forma como a bijuteria se comporta no mundo e suas características que entrelaçam, poeticamente, a corpos trans em suas possibilidades de existência. Legitimidade de se afirmar aquilo que já não é, assumindo novas propostas de percepção estética.





Quando me declaro
pessoa trans, auto-
maticamente, cria-
-se uma fenda na es-
trutura social. Des-
contruo a imagem que
o sistema heterocis-
normativo (CISTEMA)
se baseia para dizer
o que é certo/erra-
do; bonito/feio; fe-
minino/masculino,
desta forma, me
afirmo não só en-
quanto alguém que
busca seu espaço mas
é através das ferra-
mentas performáti-
cas de gênero que me
estruturo, a partir
do que já está no
mundo para me reco-
locar nele, ressig-
nificando os recur-
sos e alterando as
noções de realidade.

É tipo um feitiço
que se domina ~ o
truque de cada dia.
A arte do truque vem
com a sabedoria de
dominar a linguagem
da imagem de si
mesma no mundo. É o
sequestro da subje-

tividade em sedução.
Ser uma pessoa trans
no mundo é entender
que certos elementos
não te ensinam, mas
se aprende simulta-
neamente em que se
vive. Troca infinita,
onde o mundo te
ensina até o momento
em que você começa a
ensinar o mundo. Do-
minar os acessos, a
fala, a voz, o corpo
e tudo que nele car-
rega para se infil-
trar em retomada de
posse.

Furupa
Furreba
Furreca

coisa insignificante,
de qualidade ordinária;
vagabundo: cangalha.

Falar sobre bijuteria é falar basicamente sobre jóia barata, feita de material de baixa qualidade, em ferros gelados e duros que com a mesma sutileza que chega excitante vai embora ácido e enferrujado. Sensibilidade controversa do implacável; é quase como lidar com algo que não te pertence. Terror costurado no corpo, fincado como uma estaca brilhante que amolece os olhos para, assim, se tornar furacão na mente fraca e vazia. Criar terror é carregar consigo o poder da transformação do silêncio em risada de bruxa. Vento. Barulho. Penduricalhos. É a certeza que você está passando pois o ar sou eu quem crio.

Ouro que dói.
Você gosta de
doce? aviso aos
desavisados que a
guerra tem sede,
muita sede. Pois
o doce desce
puro, naturalmen-
te artificial.

Estar no mundo é
um ato político e
estético, mas não
foi nas embala-
gens que eu
aprendi, pelo
contrário, foi na
coceira entre os
dedos que te fez
a morder a língua
na hora de falar.
O silêncio já não
é mais meu, assim
eu profetizo.
Elas querem
muito, afinal o
valor da bagatela
não está avaliado
em um simples
elogio. Isto é,
sinto-lhes in-
formar, mas o
açúcar é veneno e
não tem advertên-
cia. É pele in-
flamada.

- Nota Furrea: andar na rua.
andar na rua. andar na rua. andar
na rua. beleza como vingança, ou
para alguns, desobediência.

- Nota Furra: Eu fui primeira -
ro minha orlha esquerda,
achando que em alguma instância
seria menos pior pros meus pais
descobrirem. Só fui furra a di-
reita depois de 2 anos.

Bijoux, apropriada pela cultura de massa que se utiliza dos processos mercadológicos informais com produções vinculadas ao cotidiano que além de fazer a manutenção das estações, determina as tendências dentro da moda e vestuário. Ou seja, lojas, feirantes, bancas informais compõem uma parcela significativa na indústria de joalheria no Brasil, criando, assim, uma abertura nos processos tradicionais de joalheria que exigem em sua maioria materiais nobres e gemas raras.







fissura na tradição.

valor X não valor

bijuteria e jóia compartilham zonas de criação similares, coexistem no mundo em potência e função análogas, porém passam por processos de produções distintas, direcionam-se para lugares diferentes, contam outras histórias, mas, na verdade a bijuteria se apropria dos processos de produção tradicional de joia, ressignifica a relação valor X material, democratizando o acesso ao adorno, pluralizando as identidades e, mesmo que numa produção massificada, corrobora nas manifestações culturais coletivas e individuais num processo de integração entre socieda-



- Nota Furrepa: Em 2017 fui a Pirenópolis com minha amiga Tita Maravilha. Como ela nasceu e cresceu lá, na ocasião, aproveitei para encontrá-la, na ocasião, aproveitar seu processo de transição familiar e anunciar seu processo de transição. Ao visitar uma de suas avós acabamos ficando a orelha furada e ganhamos um par de brincos. Fiz um registro desse momento.

Entretanto, mesmo que a bijuteria tenha caráter significativo na expressividade, ela faz a manutenção da feminilidade que num recorte da América-Latina reforça estereótipos, agrega na hipersexualização de corpos pós-colonial, quando, na verdade, ao invés de atribuir valores distintos e originais, provocam outros sufocamentos que envolve performatividade de gênero.

Na minha vivência cotidiana percebi, entre outras coisas, que o dourado em meu corpo acessa maior feminilidade do que o prata. As representatividades construídas de feminilidade exigem dos corpos trans adequação a padrões próximos aos de mulheres cis. A passabilidade enquanto raio padro-



nizador, o que na verdade não garante uma verdadeira inserção desse corpo, pelo contrário, a passabilidade é ilusória, uma maneira de limitar, higienizar as diferentes possibilidades de corpos trans. Isto é, quando se entende a imposição de feminilidade a corpos trans, estamos falando de parâmetros de normatividade herdadas de um moralismo colonizador

Desta forma, não foi atoa que no processo do meu trabalho poético assumo as características do dourado como uma ferramenta afirmativa de reflexão, onde posso falar dessas relações de poder como estratégia de autodeclaração, que estão além dessas imposições. Afinal é uma travesti que está falando.



Até por que, na prática, a bijuteria é, na contemporaneidade, a oportunidade que as gatas, não somente as trans, dispõem dentro de um contexto de acessibilidade de se construir imagetica-mente. Esse material de baixo custo ao contato com a pele ácida no corpo ferrugem ergue em si a promessa de transmutar o truque em existência, mas especificamente, a travequilidade. Se manifesta em corpos dissidentes que assumem a inadequação como ato político, transformar o dourado esverdeado-latão em fantasia, modifica os lugares de dominado e dominante. Pele que brilha mas encarde na mão suada e fria.

Furrep: Vicente de Paula, mais conhecida como Vince, amiga minha, me disse uma vez que no Nordeste bijuteria é mais conhecida como Fantasia.

-Nota Furrep: Vicente de Paula, mais conhecida como Vince, amiga minha, me disse uma vez que no Nordeste bijuteria é mais conhecida como Fantasia.

O corpo criação, marginalizado, se denuncia em feminilidade, mas se compreende também em suas potências masculinas, corpos que não são unicamente forjados numa limpeza de sentido, e sim em grandes arranques políticos e estéticos. Abundância do agridoce. Como posto no livro Performance, Corpo, Política do Corpos Informáticos, somos “quadros vivos” que oscilam entre a sensualidade, a nudez e a brincadeira e esta nudez não é cadavérica, ela acontece em plena luz do dia com o tato em propulsão do desejo, ir-sem-ver, a carícia versus a máquina.

Corpos esses que
estão a todo momen-
to na ânsia do pro-
tagonismo, na luta
por
independência e
descolamento dessas
imposições ~do que
deve ser~do que é
esperado~



Mas que identidades femininas são
essas?

O que acontece quando eu escolho
minha feminilidade?





É ser travesti no
brasil

expressão vulgar

- Nota Furreca: Esquecida e ignorada
por aqueles que tanto me elogiam.

- Nota
Mulher!
Furrica:
Corre
Tu já sabe o que
quer/Coração na mão
ele não te alcança
que não.

Por vários momentos eu achei que não estaria aqui, pensei em desistir inúmeras vezes, pois não achei que me veria escrevendo. Só conseguia ver angústia por um processo que não tive nenhuma intimidade desde do começo. Mas me propus continuar, a interferir na história, acrescentar na narrativa a oportunidade de renúncia ao silêncio e resistência trans anticolonial.

Não quero ser salva, não quero ser resgatada. Não quero sair de uma mão e cair nas mesmas outras mãos. Se na cabeça deles eu preciso ser salva, já está implícito ~explícito~ a dissemelhança pelo sacrifício. Quer dizer, eu assumo minha não-coincidência, mas sou a escrita que o lápis deles não escreve-

deles não escreve-
ram. Nem Butler nem
Foucault com seus
anos de estudos vão
laçar meu corpo fu-
gitivo.

Interferência é
ruído. A história já
foi contada repeti-
das vezes, quase que
pelas mesmas vozes.
Assim como as bijoux
que modificam e
preenchem a multidão
em excesso, distor-
cem a multiplicação
e debocham da jóia
solitária no pescoço
em putrefação. Ecoa
aí, a fissura na
tradição, o eco, os
pedaços que se espa-
lham.



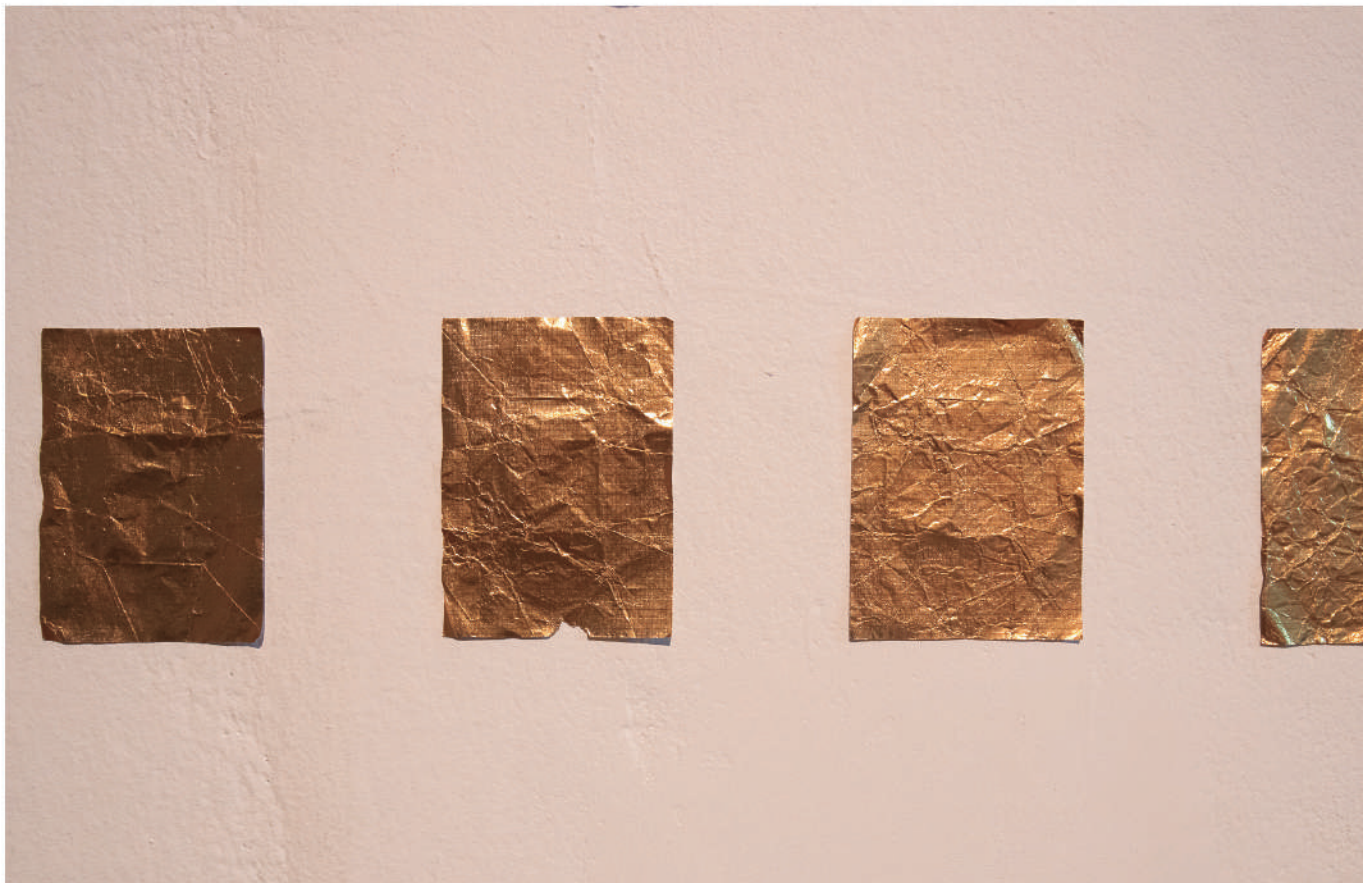
Bijuteria travesti

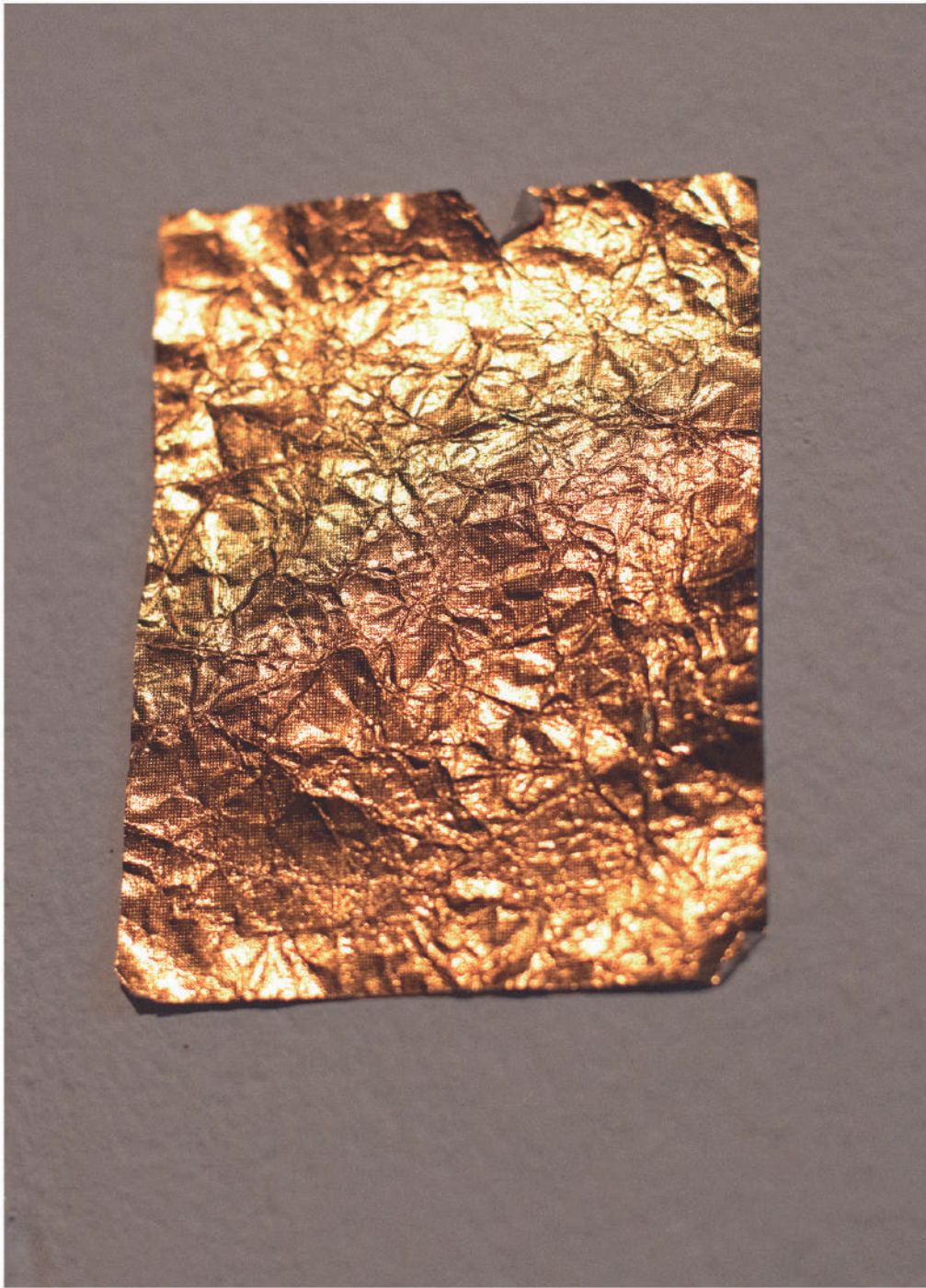
*É ficar entre a gordura
inflamada ou a água até
o pescoço*



eco
eco
eco
eco
eco
eco
caca
eco

Cacareco foi a forma
q eu encontrei de
desenhar o entendi-
mento entre um
objeto, no caso a
bijuteria com a
ideia de criar o
corpo caco, pedaço
de seu entendimento.
Mas inteiro de pos-
sibilidades. Lin-
guagem que denomina
existência de ruído
ou falso brilho,
objeto sem valor ou
sem nenhuma impor-
tância, amontoado de
cinza, eco, eco, eco
eco eco... traveco.





-caco é pedaço, um fragmento de um
objeto já inteiriço -caco é pedaço,
um fragmento de um objeto já inteiriço







Flexionar uma palavra em escala diminutiva que, em muitos casos, evocam sensação de carinho, serve para atribuir um sentido distinto a um determinado objeto. Exprime também a atitude emocional do falante, que pode ser tanto positiva quanto negativa, vinculada à noção do tamanho* do objeto por ele dimensionado.

No caso, o sufixo -eco se configura um diminutivo, porém, em exceção, está associado ao pejorativo.

Traveco na língua portuguesa, retoma todo o processo de dimensão que atribui valor pejorativo. Flexionando não só a palavra mas o pensamento. Isto é, junto a palavra, vem o

sentido e a intenção; é função gramatical associada ao comportamental, convenção social estabelecida.

Em *traveco*, ocorre, também, o processo do *truncamento* (de *travesti* para *trava*) e o posterior *acréscimo* do sufixo *-eco*; entretanto, nesse caso, o sufixo *intensifica* o grau de *pejoratividade*, pois a forma *truncada* (*trava*) já é considerada *depreciativa*. (DOMÍNIOS DE LINGUAGEM, p.132)

Estamos falando de poder, hierarquias e noções de que o outro, no caso, *travestis*, são inferiores. condicionada pela generalização e normatização dos corpos *desobedientes*. Basicamente, é a forma de denominar já intencionando valor depreciativo.

Nem sempre quando há relação comparativa por tamanho, necessariamente exprime grandeza física, mas sim a ideia de valores e importâncias que são impostos pela natureza ali comparada. Ou seja, julgamento que denuncia a relevância de uma pessoa em relação a outra.

Na medida em que a palavra *traveco* é empregada, surge um fenômeno de reconhecimento e denominação de corpos. O fenômeno tem função social de agrupamento, e não se configura somente como um processo de categorização simples. Para além das questões que envolve a gramática e a língua portuguesa, o termo quando expressado cria distinção de maneira intencional que acentua e faz valer o conceito

nocivo dessas semânticas. É essencialmente uma questão de domínio, autoridade e soberania sob os corpos. Isso significa que é estético, político, territorial, na esfera do discurso, no firmamento das ideias e na superfície do afeto.

A índole de traveco e cacareco é a mesma, flertam na frequência do existir, estilhaço de conceito, pequenos fragmentos que restaram de uma quebra ou apenas sobraram, enferrujaram em compreensão, corrompida em dissonância com a ordem. A tentativa de controle da heterocisnormatividade exclui as possibilidades de

- Nota Furrepa: Olhando por cima/Através das costuras/Seu nome foi trocado/Para que assim fosse falado.

Nota Furreca: Eu não tenho
que ser! Eu Posso ser.

existência de determinadas realidades, pois a noção de papéis sociais é conceitualmente rígido, castigam a ambiguidade.

Mas é nesse ponto que o corpo muda, os gêneros não se fixam e a fluidez abre a fenda "no aqui".



Mas é nesse ponto
que o corpo muda, os
gêneros não se fixam
e a fluidez abre a
fenda “no aqui”.

um corpo é nomeado,
construído.

eu crio meu corpo

corpo monolito.

corpo modulo.

junção de vários
fragmentos que
formam um só corpo

àquelas de nós que olhamos de
perto a rachadura do mundo, e que
nos recusamos a existir como se ele
não tivesse quebrado: eles virão
para nos matar, porque não sabem
que somos imorríveis. Não sabem que
nossas vidas impossíveis se mani-
festam umas nas outras. Sim, eles
nos despedaçarão, porque não sabem
que, uma vez aos pedaços, nós nos
espalharemos. Não como povo, mas
como peste: no cerne mesmo do
mundo, e contra ele. (MOMBAÇA,
2017)

O coração é um órgão do sistema cardiovascular que se localiza na caixa torácica, entre os pulmões. Possui a função de bombear o sangue através dos vasos sanguíneos para todo o corpo.

É oco e musculoso, envolvido por uma membrana denominada pericárdio, e internamente as cavidades cardíacas são revestidas pela membrana chamada endocárdio. Suas paredes são constituídas por um músculo, o miocárdio, sendo o responsável pelas contrações do coração. O miocárdio apresenta internamente quatro cavidades: duas superiores denominadas átrios (direito e esquerdo) e duas inferiores denominadas ventrículos (direito e esquerdo). Os ventrículos possuem paredes mais grossas que os átrios.

O átrio direito comunica-se com o ventrículo direito e o mesmo acontece do lado esquerdo. No entanto, não há comunicação entre os dois átrios, nem entre os dois ventrículos



Cacareco coração de traveco.

Andando aos cacos segue
firme, se curando, machucan-
do.



Somos dissimuladas igual. Temos o poder de transformação do ódio em poder. Quero ter o poder de fala, de escrita, de arte.—Eu não tenho que ser / Eu posso ser— ser dona do meu afeto, do meu clichê, da minha ascensão social e da prosperidade tanto almejada. Eu minhas irmãs de vida, de rua, de universidade, de festejos e de função, nos encontramos para refletir sobre nós, e nunca parar. Esse diague³ instaurado e mascarado não nos engana mais, até por que se a história é católica então somos cavaleiras do apocalipse. Nossa potência levará a revolução e esse texto já é a prova viva da chegada.

diague - 1 refere-se a tudo que é

diague - 1 refere-se a tudo que é negativo;
2 (interjeição) usa-se para evitar coisa ruim; isola



Bibliografias

LUSTOSA, Tertuliana. MANIFESTO TRAVECOTERRORISTA. Revista Concinnitas, Rio de Janeiro, ano 17, volume 01, número 28, p. 384-409, setembro de 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/25929/18560>>

MEDEIROS, Maria Beatriz de. AQUINO, Fernando. Corpos Informáticos: Performance, corpo, política. Brasília: Editora de Pós-graduação em Arte da Universidade de Brasília, 2011.

PERRA, Hija. Interpretações imundas de como a Teoria Queer coloniza nosso contexto sudaca pobre de aspirações e terceiro-mundista, perturbando com novas construções de gênero aos humanos encantados com a heteronorma. Salvador: Revista Periódicus, 2ª edição, novembro 2014 - abril 2015.

SCHOCK, Suzy; MARTINEZ, Isabel. Reivindico o meu direito a ser um monstro. 2016. Disponível em: <<https://vaginamente.wordpress.com/2016/10/18/reivindico-o-meu-direito-a-ser-um-monstro/>>

Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. Revista concinnitas | ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016.

BARBOSA, Maria Fernanda M.. LIMA, Bruno Cavalcanti. O SUFIXO -eco sempre forma diminutivos com valor pejorativo no PB?. DOMÍNIOS DE LINGU@GEM - Revista Eletrônica de Linguística, [s. l.], ano 2º Semestre 2011, v. Volume 5, n. nº 2, p. 127-132, 2011. <<http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosde-linguagem>>

MOMBAÇA, Jota. O Mundo é meu trauma (2017). PISEAGRAMA, Belo Horizonte, número 11, página 20 - 25, 2017. Disponível em : <<https://piseagrama.org/o-mundo-e-meu-trauma/>>

Pode um cu mestiço falar?, 2015. Disponível em: <<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cumesti-co-falar-e915ed9c61ee>>

MANHATTAN, Agrippina. *Corpos em trânsito: Corpos Transvestigêneres e o Espaço Público*. 2017. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2017/Agrippina%20%20C%20a%20n%20dido%20Viegas%20Pequeno.pdf>>

DOMÍNIOS DE LINGU@GEM - REVISTA ELETRÔNICA DE LINGUÍSTICA: O Sufixo -eco sempre forma diminutivos com valor pejorativo no PB?. Vitória: ano 2^o Semestre 2011, v. Volume 5, n. n^o 2, 2011.2019. ISSN 1980-5799.

VITORINO BRASILEIRO, Castiel (org.). *Devorações: descolonizando corpos, desejos e escritas*. 1. ed. Vitória: [s. n.], 2018.



